



# História Cultural

VII Simpósio Nacional de História Cultural

**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

## **A ARTE DE ANDAR NAS RUAS: AS MULHERES E AS PRÁTICAS CRIMINOSAS EM CAMPINA GRANDE-PB**

Vanuza Souza Silva\*

A rua sexual se anima, ao longo dela, faces com e sem desejo. Há corpos desgarrados de si mesmos, sons alucinantes (...) os cafés convidam aos crimes [...]

(ARTAUD)<sup>1</sup>

Se o personagem de Rubem Fonseca Epifânio/Augusto caminha nas ruas para se inspirar para escrever, se as ruas e todas as misérias, encantos que nelas há inspira o escritor, as ruas para as presas convidam ao crime. Augusto resolvia seus problemas caminhando, “[...]assim, quando não está escrevendo – ou ensinando as putas a ler –, ele caminha pelas ruas. Dia e noite, anda nas ruas do Rio de Janeiro[...]” (FONSECA, 1994, p. 58)<sup>2</sup>. Este artigo parte de minha tese de doutorado que narra as cartografias das mulheres envolvidas coo crimes traz uma discussão sobre a relação dessas mulheres apontadas coo criminosas co as ruas espaços heterotópicos onde nelas (re)significa não apenas as espacialidades como tabe os crimes e a si próprias.

\* Docente do curso de História da Universidade Federal de Alagoas/ Sertão- Delmiro Gouveia inistra História de Alagoas, História do Nordeste e Estágios Supervisionados.

<sup>1</sup> ARTAUD, Antonin. Surrealismo e revolução. In: WILLER, Cláudio. **Escritos de Antonin Artaud**. Coleção Rebeldes & Malditos – v. 5. Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 93.

<sup>2</sup> FONSECA, Rubem. A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro. In: **Contos reunidos**. Organização: Boris Schnaiderman. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

As ruas são a paixão dos poetas que tematizaram a infâmia, a marginalidade, a vida maldita. Por que as margens fundem-se nas ruas, nos desertos das ruas? Por que nas ruas encontramos os sujeitos que foram para as margens, expulsos para as margens? Por que os poetas que denunciaram o sistema em diferentes contextos poetizaram as ruas, o sexo nas ruas, as amadas que passavam pelas ruas? Por que a rua, por mais caótica que possa parecer, é onde mora uma dada liberdade? Por que a liberdade das ruas, das ruas periféricas são sempre marginais? Baudelaire<sup>3</sup>, despe a divindade da poesia, foi para as ruas, delas, da escuridão delas, denunciar uma modernidade que trazia luz, mas também sangue, multidão, mas também solidão. O poeta era só mais um a cantar os lírios de um processo de mudanças em sua sociedade, na qual as luzes convivem com os galopes das mortes e onde ele se faz praticante de ações vis. Baudelaire curioso pela multidão, falando do lugar da poesia, vai para as ruas. Um solitário nas ruas, desposando as multidões, apaixonado pelo movimento, pelo fugidio, pelo infinito. As ruas de Baudelaire, no século XIX, eram signos contraditórios de amor e maldição, nelas conduzia-se à paixões, a contemplar as passantes nas ruas de ruídos e vaias. E elas passavam. O que seria dele se as tivessem amado? O que seriam aquelas ruas sem a poesia flâneur do poeta a calejar-se de solidão nas ruas de Paris? Baudelaire narra de ruas para as quais trabalhadores foram empurrados, desempregados, vagabundos, prostitutas, e do outro lado, os bulevares, os salões e cafés literários. A luta da poesia andarilha de Baudelaire é contra o homem enfeitiçado pelas luzes, o homem mercadoria. Baudelaire, em lugar de contemplar as luzes, interessou-se pelo submundo dos drogados, das prostitutas, dos mendigos que habitavam as ruas de Paris. As ruas, o submundo das ruas também foi objeto de contemplação de Antonin Artaud, um século depois, em Paris escreveu contra o sistema, o capitalismo e o homem-mercadoria, propôs um corpo reinventado, desorganizado, por isso, interessou-se também pelas ruas, onde a desordem habita e grita, das ruas não desejou a passante, amou os corpos perversos, marginais e entregues ao crime e sexo libertários, vidas desassujeitadas porque desejava não apenas a invenção de outra arte, de um novo corpo, mas de uma nova morada : inventai para nós novas moradas!

A poesia também pensou a rua como o não-lugar, senão, lugar de sujeitos múltiplos caóticos e postos em suspeição pela ordem. Os poetas franceses supracitados, signos de vontades libertárias em seus contextos, inscrevem também, que as ruas, as moradas nas ruas só são lugares, quando atribuídos ao outro, ao mendigo, à prostituta, à

<sup>3</sup> BAUDELAIRE, Charles. A uma passante. In: *As flores do mal*. op. cit., p. 344-345

criminosa, ao ladrão, somente nesse sentido, as ruas das cidades encarnam um lugar social, definido com base em preceitos moralistas como o espaço da perversão, para a ordem, mas da libertação para os que poetizam as escuridões e ventanias das ruas. As ruas contempladas pelos poetas franceses se constituem o leque de inspiração para contar a história das mulheres presas na cidade de Campina Grande na contemporaneidade. Entre as várias pontas do leque, as ruas tematizam o início do debate, a contextualização dessas mulheres, as quais antes de serem presas, muitas delas, estavam a morar no frio e no calor das ruas campinenses. Não usaram as ruas para a poesia, são elas os poemas embaraçados e obscuros de uma dada história das mulheres, são essas infâmias que eu quis juntar aqui (FOUCAULT, 1992, p. 102)<sup>4</sup>. Vidas passantes que fizeram das ruas um espaço de roubo, de furto, de tráfico, de abandono de identidades aprendidas, de subjetivação de outros códigos sobre a subjetividade feminina.

O impacto do feminismo na vida das mulheres que se envolvem com a criminalidade foi percebido a partir de outra questão: a ida das mulheres para as ruas, se as mulheres da classe média, formadas, foram trabalhar, assumir cargos públicos, as ruas para as mulheres infames têm outros sentidos. As ruas para algumas mulheres se fizeram cama, para outras, o lugar onde o furto lhe trazia a sobrevivência.

Cada ida para as ruas, cada morada em uma calçada, dobra as mulheres que as famílias idealizaram, suas fugas são muito mais do que uma escolha por um lugar, é uma escolha por um modo de vida. A ida das mulheres para as ruas, morar provisoriamente nas ruas, eis uma das principais mudanças na história das mulheres, das mulheres que hoje estão presas. Mariinha (35 anos), Fabiana Tito (34 anos) são signos dessa história de mudanças. Ambas são dois personagens ricos na reinvenção dos espaços, do terceiro espaço<sup>5</sup>, espaço reinventado pelo desejo, pela improvisação da vida, espaço outro, imprevisível e descontinuado como sugere Paul Ricoeur, ambas se constituem como duas flâneurs, transitam e perambulam pelas ruas, nelas dormem e agem, duas personagens que vagabundeiam na paisagem urbana, perdem-se entre os labirintos dos becos, rasgam os tecidos lógicos da cidade. Mariinha faz das ruas, especificamente, dos pontos de ônibus, a geografia do seu roubo, Fabiana Tito faz das ruas, sua moradia, a primeira antes

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. in: **O que é o autor?** São Paulo: Passagens, 1992.

<sup>5</sup> RICOEUR, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. Espaço e narrativa em p. Ricoeur. **Revista Filosófica de Coimbra** — n. pp. 141-162 o 39 (2011). <[http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco e narrativa em p\\_ricoeur](http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p_ricoeur)>, acesso em 12 ago 2013 às 13:h:08min.

de encerrar a pesquisa foi posta em liberdade, sem casa e sem os filhos, visto que o Conselho Tutelar levou suas cinco crianças, esta passou a habitar as ruas. Fabiana Tito, sempre escolheu a rua, as calçadas das ruas de Campina Grande, onde dormia, roubava e usava drogas, nelas, nas ruas, se sentia em casa, na casa do mundo.

No século XIX Victor Hugo<sup>6</sup> criou uma trama onde se destacavam personagens miseráveis, o principal deles, Jean Valjean, um homem que fora preso pelo roubo de um pão, que fora perseguido a vida toda pelo poder, perseguição que o levou a cometer outros crimes, como por exemplo, falseou o seu nome e a sua identidade para fugir da polícia. Outros personagens miseráveis aparecem, como a prostituta Fantine que vendeu seus dentes e seus cabelos para sobreviver, que entregou a sua filha a uma família que em lugar de cuidar da sua filha, explorava seus ganhos na prostituição.

Quando no início das entrevistas me deparei com Mariinha (35 anos) e com sua história de vida, pus-me a refletir e a pensar nos personagens miseráveis de Victor Hugo, embora separados pelo tempo, pelo significado das histórias, em tempos e espaço tão diferentes, Mariinha me aparecia como uma desses personagens miseráveis, uma vida marcada e aturdida pela fome. Jean Valjean naquele contexto cometera o crime de roubar um pão, Mariinha carrega outros crimes em suas páginas de história, embora todas registradas no mesmo artigo (155), furto. No último delito, Mariinha roubou dois reais de uma senhora par tomar sopa, mas não pôde matar a fome, os policiais chegaram em tempo e a prenderam. Mariinha ficou sem a sopa, sem o dinheiro, sem a liberdade, mas já estava acostumada a perder para o poder a liberdade, a dignidade.

Mariinha, ex catadora de lixo, uma das vidas mais miseráveis que se encontra na prisão. O processo crime objetivamente a define<sup>7</sup>: solteira, doméstica, moradora do José Pinheiro, negra, cabelos crespos e negros, olhos em formato orientais e pequenos, 1,49m. No final das informações uma observação: possui uma tatuagem em formato de estrelas. Estrela? Será o sonho de Mariinha? Ser uma estrela! Queria ser um estrela ou estar entre elas? Mas que interesse tem o discurso jurídico pelos sonhos de Mariinha? Trata-se apenas de uma marca para se instituir a mulher que furta, sinal no corpo que se torna o signo da mulher que furta, da ladra, estigma.

<sup>6</sup> HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. São Paulo: Martin Claret, 2007 (Série Ouro).

<sup>7</sup> Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 268/05.

Reincidente por cinco vezes, envolve-se com o crime quando tinha 26 anos, em 2005, período de sua primeira prisão. Foi presa duas vezes em 2005, uma vez em 2006, uma vez em 2007 e uma vez em 2010. No último crime, o processo explica que Mariinha agrediu a dentadas a senhora de quem roubou dois reais, mas Mariinha narra-se diferente, explica-se para a vida e para a história de modo distinto:

Estou aqui faz 5 meses, mas vou me orientar, fui sentenciada da outra vez, foi roubo, assalto foi agora, mas não assaltei, ela mora perto da minha casa, ela não gosta muito de mim não, eu estava assim no ponto do ônibus, ela disse 'isso é uma ladrona fecha a porta pra ela não te roubar'. Eu disse não sou ladrona não, eu estava bêbada, se eu quisesse roubar eu tinha lhe roubado, você está aí e eu estou aqui, ela me agoniou demais dizendo que eu era ladrona, aí eu avancei em cima dela e tomei dois reais dela, aí quando eu tava lá em cima tomando a sopa, os homens me pegou e me abordou, por causa de dois reais, só se eu tivesse matado ela, eu estou vendo gente que mata e sai, mata o marido e sai, e eu por causa de dois reais estou aqui. Eu cato garrafa, deixei de fumar pedra porque a pedra quase que me matava, não quis mais saber não, quando eu sair daqui minha vida vai ser outra<sup>8</sup>.

Em 2011 Mariinha estava fora da prisão, encontrei-a na rua, cheirando cola de sapato, ao lado de um rapaz, perguntei brevemente como ela estava, respondeu que estava morando nas ruas, havia perdido a casa e a guarda dos filhos. Olhou para o companheiro e disse: “Não mexa com ela não viu, é minha professora!”. Os sonhos de Mariinha se perderam de alguma maneira. Seus roubos? Creme dental, feijão, arroz, dois reais. Gostava de ir roubar no centro da cidade campinense, nos mercados das cidades vizinhas como: Boqueirão e Queimadas, as mais próximas de Campina Grande. Quando interrogada na prisão sobre seu envolvimento com o crime, Mariinha situa o lar e a família como referências da memória para explicar-se:

[...] antes da prisão eu vivia na minha casa, trabalhava quando era de menor, minha mãe levava eu pra trabalhar e ajudar ela, eu vivia bem, aconteceu essa droga no mundo aí pronto minha vida virou, eu fumava, mais num traficava não, meu maior medo é pegar muitos anos de cadeia, mas fui absolvida, antigamente eu roubava pra dá de cume a meus fios, meus fios era pequeno, vivia com outro marido que bebia cachaça, ele bebia e dava em mim, de manhã os guri tudo pedindo pão pra comer aí eu ia roubar e fui pega muitas vezes com pacote de feijão, de arroz, leite dentro das pernas pra dá de comer a meus filhos<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Entrevista concedida por Mariinha Souza no dia 07 jul 2011 na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande às 10:00h.

<sup>9</sup> Entrevista concedida por Mariinha Souza no dia 07 jul 2011 na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande às 10:00h.

Mariinha roubava inicialmente para alimentar os filhos, depois para alimentar o vício. Quando saiu da prisão não tinha mais nem casa, nem filhos. Isso justifica o retorno de Mariinha para as ruas, para o vício? Mariinha seleciona na lógica da sua explicação apenas o fator da carência econômica, não consegue compreender que dentro do cenário de sua constituição histórica, assumiu o lugar do pai, de quem deveria trabalhar para sustentar os filhos, visto que se relacionando de modo instável, era ela a mãe e pai de seus filhos. As drogas contribuíram para que Mariinha ao invés da busca pelo trabalho, buscasse maneiras mais fáceis de resolver sua carência financeira, mas Mariinha é uma dessas mulheres que encontra no roubo a realização de um papel paradoxal: realizar-se enquanto mãe, ser aquela que move a economia do lar, mesmo que essa economia resulte do crime, afinal, são estes papéis que são cobrados pelas próprias mulheres ao longo do século XX. Na prisão, como ocorre com frequência, foi abandonada e ao sair dela, abandona-se nas ruas, (re)significa sua vida, (re)significando o tecido da cidade: os banheiros das lojas se tornam seus banheiros, as calçadas forradas com papel sua cama, as sombras das paredes alheias sua varanda de onde assiste a vida passar, de onde lembra onde os filhos possam estar. Mariinha preferiu as ruas do que um casamento que agredia sua feminilidade, correu para as ruas onde o roubo e o furto complementavam o vazio de uma vida caótica no campo material e afetivo, esvaziada ainda mais agora com a perda dos cinco filhos.

Fabiana Tito (34 anos) outra vida que se chocando com o poder, fez-se infame. O processo escreve, “do lar”, mas que lar? Fabiana viveu o mundo e no mundo, desde que se separou do segundo marido. Fabiana é reincidente por quatro vezes, uma vez a menos do que Mariinha, e tal qual Mariinha envolveu-se com furto e roubo (artigo 155 e 157). Mas diferente de Mariinha não roubava comidas, mas roupas. No último roubo arrombou uma loja e subtraiu com a parceira 24 calças, bolsas, objetos outros, foram presas em flagrante. Nos comentários informais ouvidos na prisão Fabiana roubava para voltar para o presídio, visto que não tinha onde morar. Seus filhos estão com os pais e com sua tia.

Fabiana situa seu envolvimento com o crime na fase do segundo casamento, tem cinco filhos, um do primeiro relacionamento e quatro do último casamento, as brigas com o marido e as surras que sofria, segundo diz, foi o motivo que a levou para as ruas e para o crime:

Eu briguei com meu marido, fui viver na rua, fiz uma amizade com pessoal da droga, da prostituição, aí conheci essa menina, andava com ela, de vez em quando bebia, tomava uma [...] minha vida antes da prisão eu vivia sofrendo nas mão do meu marido, faz 9 anos que me separei dele, quando ia olhar meus filhos ele queria judiar comigo, ficar comigo à força, ele vive com a mulher dele, meus quatro meninos ficaram com ele, o outro que num é dele ficou com minha tia<sup>10</sup>.

Da mesma maneira que Mariinha, sem casa, sem filhos, Fabiana é mais uma andarilha das ruas, a liberdade para ela significa prisão, sabe que entre grades livra-se das drogas e dos roubos, prefere as asas da prisão.

As presas em suas narrativas explicam-se por outra lógica, com outro sentido. Quando falam, marcam a entrada de suas vidas na história por outro caminho: o de cometer o crime da palavra, a qual questiona, contradiz, omite, desfaz e choca-se com a epistemologia jurídica. Suas palavras reagem como se quisessem tomar a vida com suas próprias mãos: entrar na história por outra brecha e construir para suas vidas outros significados. Os relatos falam de uma vida, de uma singularidade em um contexto onde suas práticas são parte de uma relação de espelhamento, de trocas e autonomias. O relato de vida, afirma Pineau, insiste sobre o enunciado de uma intriga. (PINEAU apud SOUZA, 2006, p.139)<sup>11</sup>. As presas quando a si produzem, produzem um saber que realça sua singularidade existencial, inscrevem o sentido de suas vidas, de modo a enfatizar uma vida coerente, reta. Combinam acontecimentos, ocorrências, associam elementos que entrelaçam o fio condutor de suas vidas e experiências, de modo que apareçam sempre como injustiçadas, vítimas.

Cada memória narrada traz um conjunto complexo de emoções, instáveis emoções, opondo-se exatamente à memória aqui descrita e instituída, escrita de modo racional. Suas memórias fluidas assombram as memórias que aqui se petrificam. A doença de Fabiana é uma maneira emotiva de questionar a ladra que o processo institui, seu sangue ou a simbologia do seu sangue é a metáfora que inscreve uma existência que toma pra si a doença para salvar-se do crime. Adoecer para ela, manter viva essa doença, é uma maneira também de viver a liberdade na prisão, usufruir de alguns privilégios que as outras presas não podem, como por exemplo, ter acesso a remédios, vários pacotes de

<sup>10</sup> Entrevista realizada no dia 20 ago 2011 às 09h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

<sup>11</sup> Ver SOUZA, Elizeu Clementino. **Pesquisa Narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas** in: ABRAHÃO, Maria Helena et. all. *Tempos, narrativas e ficções: invenções de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

absorventes, direito às consultas médicas, passeios nos corredores, mesmo criando discussões com as outras presas.

Fabiana, conforme explicita Ricoeur<sup>12</sup>, é uma flâneur a vagabundear pela urbanidade. Fabiana é uma dessas mulheres que percebendo a desarmonia do casamento, opta pelas ruas, rompe com a importância do matrimônio e da maternidade ao mesmo tempo, foge de casa e abandona seu filho, ao invés da lógica do trabalho, a da vagabundagem, rouba para ter comida e roupa, adocece para ter privilégios na prisão, uma mulher que dentro da lógica do trabalho cultivada na nossa sociedade representa o antitrabalho, antimaternidade, antimatrimônio, suas pisadas são relatos flâneurs de quem decide ser transeunte na cidade e na vida...

Farmácias, armarinhos, mercadinhos, malharias, esses eram os estabelecimentos onde Evellyn Ramalho roubava e furtava. Solteira, 29 anos, envolvida com o crime desde 2005, reincidente por três vezes, Evellyn além do crime por furto e roubo, foi presa usando identidade falsa. Assim como muitas mulheres envolvidas com o crime, tem o ensino fundamental incompleto. No processo aparece como moradora de dois bairros: Jeremias ou Palmeira? Depois da primeira prisão seguiu o destino de Mariinha e Fabiana Tito, foi habitar as ruas, não os pontos de ônibus ou calçadas do centro, conforme as presas citadas, mas as calçadas dos supermercados.

Mãe de três filhos, cada filho de um pai diferente, afirma, que tem apenas um companheiro, seus roubos e furtos ocorriam em cidades vizinhas ou em bairros longe da sua residência. Viciada também em craque, encontrei-a em uma dessas tardes, perto de um supermercado. Estava acompanhada de uma amiga, pedindo-me dinheiro e roupas, dizendo ainda que estava morando na rua e que o companheiro tinha sido assassinado, estava sem casa, sem o companheiro e sem filhos. Alguns dias depois, assistindo o noticiário da TV, vi o rosto de Evellyn mais uma vez ao lado de um rapaz, a reportagem falava de um casal que havia assaltado uma creche perto do segundo Batalhão de Polícia Militar, dois dias depois a polícia havia prendido os acusados. Estava Evellyn no noticiário policial local e novamente na prisão.

Antes de encontrar Evellyn nas ruas, um ano antes ela havia dito:

<sup>12</sup> RICOEUR, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. Espaço e narrativa em p. Ricoeur. Revista Filosófica de Coimbra — n. pp. 141-162 o 39 (2011).  
[http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco\\_e\\_narrativa\\_em\\_p.ricoeur](http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur), acesso em 12 ago 2013 às 13:h:08min.

O maior medo é voltar para as drogas, nunca tive tratamento não, mas um tratamento desse eu creio que to recuperada, eu não quero mais não, se eu não me envolver com pessoas que digam vamos ali, vamos viajar, que eu era assim, me chamava pra fazer alguma coisa eu ia, me chamavam pra viajar eu ia<sup>13</sup>.

Mas Evellyn foi viajar outra vez pelo visto, para ela, seu envolvimento com as drogas, o crime se deu pelas amizades:

Eu comecei a fumar craque assim, um disse: vamos fumar pedra. Eu disse não vou fumar isso não que isso mata com seis meses, ele disse: mata não isso é mentira, aí eu fui e dei o primeiro pega e não senti nada aí ele disse isso é lomba de doido isso não tem nada não, aí ele foi e deu um pedaço maior aí foi que eu senti, aí pronto, desde já viciou e já começou a doer minha barriga, já começou o sistema nervoso, comecei a fumar e pronto. O craque é uma sensação de gente doido, sei lá aquela pancada na mente que a pessoa fica, acho que é coisa de doido mesmo, escuta vozes, quando usa bastante que passa muitos dias, a pessoa fica acordado vendo coisa, gente atrás da pessoa que num tem, escuta outra pessoa falando e não tem ninguém falando nada<sup>14</sup>.

Evellyn é uma das mulheres representantes do feminino que na atualidade faz-se viciada em drogas, especificamente o craque, não trafica, mas rouba para o uso, as amizades certamente influenciam, mas nesse caso, Evellyn é uma das mulheres que representa uma identidade marcada pelo caos, por ausências que buscam complementos no uso de drogas. Evellyn em muitos momentos revelou a vontade de ter estudado, de ter trabalhado, o uso da droga parece ser uma revolta consigo, um suicídio lento que ela causa em si. Na prisão estava recuperada do vício, afirmava, mas com a morte do marido, espedaçou-se novamente e voltou a matar-se lentamente com o uso das drogas, sem dinheiro, retornou para o roubo. O vício parece ser a fuga da vida, a fuga de si, dentro de um contexto social que exige dela um papel, uma profissão, uma prática aceita socialmente, sem conseguir, apropria-se da droga, como quem se vinga de sua própria vida, das exigências sociais. Evellyn é parte de um processo histórico de mudanças no qual muitas mulheres alijadas dessas mudanças sociais, envolvem-se com álcool e drogas, afirmando-se de outra forma, ocupando-se das margens para constituir-se mulher. O vício das drogas acaba sendo uma fuga para essas mulheres que vivenciam diferentes mudanças

<sup>13</sup> Entrevista realizada no dia 30 ago 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

<sup>14</sup> Entrevista realizada no dia 30-ago 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

na identidade feminina e que de diferentes maneiras reagem à violência do mundo onde vivem.

Diferente das outras presas que vão para as ruas viver o crime do roubo, Wilma Queiroz já vem das ruas, habitava as ruas. Assim como todas as presas desta pesquisa, tem uma vida trágica, desde a infância. Conta hoje com 26 anos, ensino fundamental incompleto, solteira, mãe de duas filhas, dados comuns às presas no que se refere ao nível educacional e identidade materna, visto que a maioria das presas são mães solteiras. Wilma Queiroz foi presa nas ruas por furto, já na prisão foi presa também por crime contra o patrimônio por ter queimado colchões em outra penitenciária do Estado da Paraíba, na cidade de Patos. É ré primária. Doze anos, esse é o tempo que Wilma recorta para situar-se no crime, período em que seus pais se separaram:

Não gosto de lembrar quando eu vivia na rua, fui estuprada com 14 anos quando eu ainda era virgem, engravidei desse estupro, o pai da criança sumiu, já pedi e passei muita fome, ter que pedir um prato de comida, lavar um banheiro pra ter que comer, vizinho dizendo: 'você tá na minha casa de favor, ah! Você não tem que comer desse feijão que tá bem preparado, você tem que comer desse arroz'<sup>15</sup>.

Wilma trabalhava de doméstica e em padarias, quando ficou grávida da segunda filha foi se prostituir para sustentar as filhas, depois se envolveu com o crime:

Conheci uma pessoa aí me envolvi com esse negócio de roubo, antes eu fazia programa pra sustentar minhas filhas e me sustentar, conheci um pessoal e comecei a me envolver, fui buscar um dinheiro, a polícia disse que era roubado [...] me envolvi com esses caras, são de Salvador, só me davam o dinheiro pra guardar e, também não perguntava de onde saía, aí fui gostando que o dinheiro era muito, tava dando pra viver melhor do que o programa que eu fazia aí vim parar na cadeia<sup>16</sup>.

Wilma disse que na sua infância não houve brincadeiras, apenas sofrimentos, vivia trabalhando de doméstica, em casa dos tios e dos avós, em casas de passagem e abrigos para menores. E esta é uma informação importante para pensar a trajetória de uma mulher que desde a infância foi criada sem referências familiares tradicionais, abandona os lares que lhes foram emprestados, o trabalho/honesto/doméstico para morar nas ruas, roubar, furtar. Reelabora-se a partir dos códigos do crime, da vida que perambula nas jornadas dos crimes, códigos que a conduziram para a prisão. Desde sua infância vem

<sup>15</sup> Entrevista realizada no dia 20set 2011 às 10h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

<sup>16</sup> Entrevista realizada no dia 20set 2011 às 10h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

construindo sua subjetividade nas ruas, fora dos padrões tradicionais de família, de mulher e de trabalho. Em um dado momento de sua vida opta pelo trabalho, mas recusa este papel, prefere as ruas, o dinheiro oriundo das drogas, dos roubos.

Evellyn Ramalho, Wilma Queiroz, Mariinha e Fabiana Tito, criam os espaços de seu crime no comércio da cidade de Campina Grande. Essas mulheres criam táticas, reinventam o terceiro espaço, este terceiro espaço afirma Ricouer é o espaço humano, espaço onde vidas têm lugar. Merleau Ponty<sup>17</sup> complementa:

A fenomenalidade do espaço vivido tem a ver com o modo de habitar do corpo que somos – desse corpo que é “unidade aberta”, expressividade recíproca das partes que deve reconhecer-se exatamente correlativa da unidade aberta e não tematizável, unidade de estilo mais do que significado, que caracteriza o mundo. (PONTY,2011, p.144).

Essas “vozes presas” abrem brechas e novas fontes, transpõem o silêncio das fontes ao darem vida às palavras ditas apenas pelo jurídico. Conforme sugere Corbin, faz-se necessário contemplar outras paisagens sensíveis, penetrar na caverna social e aproximar-se dos atores esquecidos da história que se converteu em seres visíveis (LANGUE, 2006, p.26)<sup>18</sup>. Esta é também uma história das sensibilidades, tendo como cenário a prisão feminina, revestindo de outros sentidos o que foi constituído como efêmero e insignificante. Para Langué:

O contraponto destes testemunhos sobre vidas tênues ou fragmentadas, sobre os sentimentos da intensidade moderada, a atenção concedida às características emocionais dos conflitos e dos acontecimentos têm uma vantagem a mais: Relativizar a objetividade da história e romper com as certezas metodológicas. (LANGUE, 2006, p.30).

As presas quando narram-se, reinventam-se e simulam outras possibilidades de vidas. Suas narrativas as salvam, sabem que viver a vida sem contá-la é um silêncio vazio, nossa morte (p.45, REZENDE, 2006, p.45)<sup>19</sup>. As narrativas dos crimes são reveladoras,

<sup>17</sup> RICOUER, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. **Espaço e narrativa em Paul Ricoeur. Revista Filosófica de Coimbra** — n. pp. 141-162 o 39 (2011). Disponível em:<[http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco\\_e\\_narrativa\\_em\\_p.ricoeur](http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur). Acesso em: 12 ago 2013..

<sup>18</sup> Ver LANGUE, Frederique. **O sussurro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França** in: ERTZOGUE, Marina Haizender e PARENTE, Tenis Gomes. História e sensibilidades. Brasília: paralelo 15, 2006.

<sup>19</sup> TEDESCO, João Carlos. **Tempo, espaço e experiência da memória** pp. 91-105 in\_ Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

também das estratégias de quem narra, como afirma Regina Beatriz:[...] as histórias relatadas, utilizando os procedimentos da narração expressam o tempo vivido e nos conduzem ao jogo das experiências sociais (GUIMARÃES NETO, 2005, p. 2)<sup>20</sup>, narrativas, “de forma alguma inocente”, “planejadas”, como pensa a autora, Nas ruas, nas ruas das memórias, essas mulheres dão outra vida e estilo aos espaços onde cometem seus delitos, transitam, habitam temporariamente, aproximam-se, reconhecem tempos. Quando os demais sujeitos adentram os espaços do comércio para comprar, elas invadem para roubar, carregam em suas sacolas de plásticos as bagagens alheias da sociedade, produtos baratos, mas caros para seus custos de vida, para suas liberdades.

Essas mulheres reinventam o terceiro espaço, o espaço humano, lugar onde inscrevem seus furtos e assaltos, mas esse terceiro espaço só é possível narrado, tornado texto. Conforme afirma Merleau Ponty<sup>21</sup> e Ricoeur<sup>22</sup> não existem espaços dados, geometricamente disponíveis, essas mulheres reinventam as ruas, os pontos de ônibus, as praças e os próprios comércios da cidade e das cidades circunvizinhas, alterando não apenas o cotidiano da cidade, como também, a lógica urbana na qual calçadas se transformam em leitos, escombros em casas, banheiros públicos em banheiros privados, porque o espaço humano onde se habita humanamente, é um espaço onde o vivido se mistura com referências – ainda que imaginadas, ainda que sonhadas – de um espaço construído. As presas alheias ao lar que um dia tiveram, inventam nas ruas ou na prisão o lar desejado e vão assim habitando o mundo com a imaginação e os sonhos particulares de quem se elabora na rua, na vida noturna e solitária do crime.

Os corpos dessas mulheres não pertencem a nenhum espaço, se há uma pertença, é necessário ver muito mais como se localizam e se deslocam. Seus espaços vividos, humanos são, pois, um entrecruzamento com as casas do mundo. Embora muitas dessas presas tenham vindo das ruas ou escolhido as ruas para habitar e nelas forjar seus delitos,

<sup>20</sup> GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. História, memória e práticas de espaço, anpuh – xxiii simpósio nacional de história – londrina, 2005, acesso em 24-dez 2011 às 12h:09min.

<sup>21</sup> RICOEUR, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. Espaço e narrativa em Paul Ricoeur. Revista Filosófica de Coimbra — n. pp. 141-162 o 39 (2011). <[http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco\\_e\\_narrativa\\_em\\_p.ricoeur](http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur)> acesso em 12-ago 2013 às 13:h:08min.

<sup>22</sup> RICOEUR, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. Espaço e narrativa em Paul Ricoeur. Revista Filosófica de Coimbra — n. pp. 141-162 o 39 (2011). <[http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco\\_e\\_narrativa\\_em\\_p.ricoeur](http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur)> acesso em 12ago 2013 às 13:h:08min.

levam para essas outras geografias suas referências, jogam para este rizoma geográfico, o conforto, a intimidade e todo um conjunto de sentido aprendido em seus lares:

[...] sem casa, sem o nosso quarto, ou o nosso canto, sem os armários e estantes onde se arruma uma vida, sem as gavetas onde se pode procurar o tempo perdido, a nossa intimidade não teria o modelo e o espaço vivido não teria qualquer ancoragem. (RICOUER, 2011, p.145)<sup>23</sup>.

A história dessas mulheres com o crime é também uma história de transformação dos espaços na cidade, do cotidiano da urbanidade onde para sobreviverem recriam espaços onde fixam deslocamentos, onde humanizam qualquer geometria para sobreviverem do crime, dormir nas calçadas, trocar vestimentas atrás de um muro, almoçar sentada no chão, passar o dia nos escombros de tijolos e madeiras esperando a noite chegar, sonhar com a casa perdida sob os lençóis da brisa noturna, casa que um dia fora signo de lar e vida. Fazem de um ponto de ônibus um ponto de esperança, essas são algumas histórias de vidas cartografadas nesta pesquisa.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, Charles. A uma passante. In: **As flores do mal**. op. cit., p. 344–345

FONSECA, Rubem. A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro. In: **Contos reunidos**. Organização: Boris Schnaiderman. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. in: **O que é o autor?** São Paulo: Passagens, 1992.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **História, memória e práticas de espaço, anpuh – xxiii simpósio nacional de história** – londrina, 2005, acesso em 24-dez 2011 às 12h:09min.

HUGO, Víctor. **Os Miseráveis**. São Paulo: Martin Claret, 2007 (Série Ouro).

LANGUE, Frederique. **O sussurro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França** in: ERTZOGUE, Marina Haizender e PARENTE, Tenis Gomes. **História e sensibilidades**. Brasília: paralelo 15, 2006.

RICOUER, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. Espaço e narrativa em p. Ricoeur. **Revista Filosófica de Coimbra** — n. pp. 141-162 o 39 (2011).

<sup>23</sup> RICOUER, Paul. em UMBELINO, Luís Antônio. Espaço e narrativa em Paul Ricoeur. **Revista Filosófica de Coimbra** — n. pp. 141-162 o 39 (2011). Disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco\\_e\\_narrativa\\_em\\_p.ricoeur](http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur). Acesso em: 12 ago 2013 às 13h:08min.

[http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco\\_e\\_narrativa\\_em\\_p.ricoeur](http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/espaco_e_narrativa_em_p.ricoeur), acesso em 12 ago 2013 às 13:h:08min.

SOUZA, Elizeu Clementino. **Pesquisa Narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas** in: ABRAHÃO, Maria Helena et. all. Tempos, narrativas e ficções: invenções de si. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

TEDESCO, João Carlos. **Tempo, espaço e experiência da memória** pp. 91-105 in\_ Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

### Fontes pesquisadas

Secretaria da Cidadania e da Justiça. Coordenadoria do sistema Penitenciário – COSIPE. Ficha de cadastro da Penitenciária Feminina. Prontuário 268/05.

Entrevista realizada no dia 07 jul 2011 na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande às 10:00h.

Entrevista realizada no dia 20 ago 2011 às 09h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 30 ago 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 30-ago 2011 às 14h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 20set 2011 às 10h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

Entrevista realizada no dia 20set 2011 às 10h10min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

